



FRONTEIRAS
BRASKEM
DO PENSAMENTO

O MUNDO EM DESACORDO

DEMOCRACIA E GUERRAS CULTURAIS

JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA

01|08 Salvador



FRONTEIRAS
BRASKEM
DO PENSAMENTO

TEMPORADA 2018

Expediente

Fronteiras do Pensamento® Temporada 2018

Curadoria

Fernando Schüller

Assistente da Curadoria

Eduardo Wolf

Direção Comercial

Pedro Longhi

Coordenação Editorial

Luciana Thomé

Marketing

Karina Roman

Equipe

Denise Donicht

Francisco de Azeredo

Michele Marten

Pesquisa

Juliana Szabluk

Design

Fernanda Toniazzi

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

O MUNDO EM DESACORDO

DEMOCRACIA E GUERRAS CULTURAIS



PARA BUSCARMOS O ACORDO, A TOLERÂNCIA E A HARMONIA

Construir consensos é um ideal indissociável das *democracias*. Ao contrário dos regimes de força, que impõem visões de mundo únicas, democracias contemplam uma pluralidade de modos de vida, de identidades coletivas e individuais, com seus anseios, suas aspirações e suas urgências. É apenas na democracia, graças ao debate público, ao esclarecimento e ao convencimento do outro, que variadas identidades formam arranjos de maiorias e minorias para buscar o acordo, a tolerância e a harmonia.

Contudo, o que ocorre quando identidades religiosas, raciais, de gênero ou de comportamento e cultura tornam-se tão radicalizadas que a sociedade não encontra mais o consenso? O que acontece quando reinam a intolerância e o extremismo onde deveriam triunfar os direitos de todos, o respeito mútuo e a igualdade na diferença? Quando a sociedade envereda por esse caminho – o caminho das guerras culturais –, é a própria democracia que corre riscos.

Já faz meio século que políticas de ações afirmativas e movimentos identitários têm sido parte essencial da busca por uma sociedade baseada em direitos e oportunidades para todos. O problema surge quando um tipo qualquer de identidade produz seus próprios critérios de superioridade moral e exclusão do outro, inviabilizando os acordos e consensos mínimos que garantem a vida e a força das sociedades democráticas modernas. Mark Lilla, da Universidade de Columbia, afirma que “o progressismo norte-

americano anda imerso em um tipo de pânico moral em função de temas de gênero, raça e identidade sexual”. O mesmo poderia ser dito sobre diferentes formas de conservadorismo.

As guerras culturais marcam a migração dos temas éticos para o centro do debate público. O sentido e os limites da arte, a natureza do casamento e da família, o papel da mulher e do homem na sociedade passam a ser matéria de acirrado debate político, partidário e governamental, não mais se restringindo à esfera dos indivíduos ou da sociedade civil. Sobre esses temas não haverá acordo em uma “grande sociedade” plural.

O filósofo e neurocientista de Harvard, Joshua Greene, fala de uma “tragédia da moralidade do senso comum” para tratar do desacordo nas democracias contemporâneas. Somos talhados para viver em “tribos morais”, não em um universo cosmopolita. Uma ética global ainda está para ser construída. Este é, em boa medida, o desafio de nosso tempo.

A agravar essa situação há o papel das mídias sociais. No lugar da grande ágora global, que no final do século passado prometia o aprofundamento do diálogo entre os diferentes, o que emergiu de fato assemelha-se mais a um tipo de guerra hobbesiana de todos contra todos, impedindo os consensos e minando instituições democráticas.

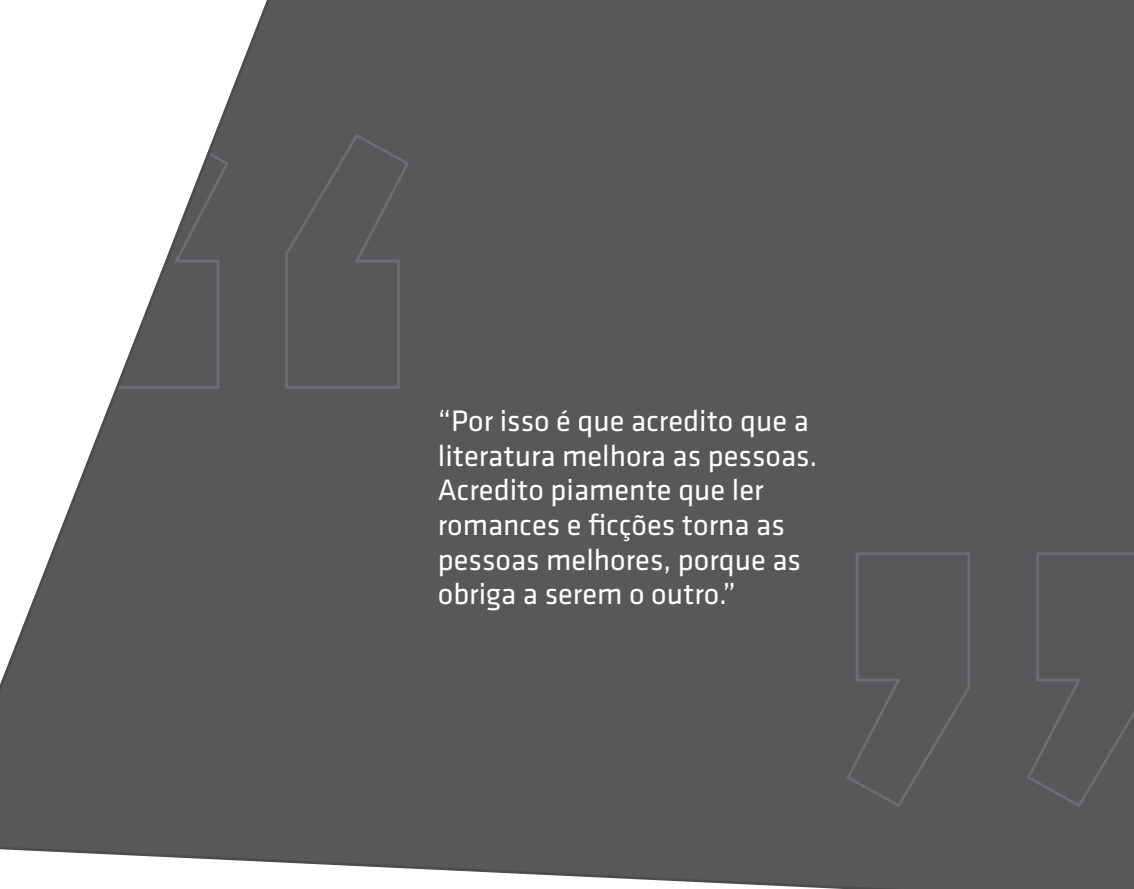
Explorar esses temas, celebrar a diferença sem perder a dimensão do diálogo, decifrar os mistérios da guerra cultural e o atual estado da democracia global serão alguns dos desafios do *Fronteras do Pensamento* em 2018.

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

(Angola, 1960)

Escritor angolano. Um dos mais importantes escritores em língua portuguesa da atualidade, foi indicado ao Prêmio Man Booker. É autor de *O vendedor de passados* e *Teoria geral do esquecimento*.





“Por isso é que acredito que a literatura melhora as pessoas. Acredito piamente que ler romances e ficções torna as pessoas melhores, porque as obriga a serem o outro.”

Agualusa nasceu em Angola e mudou-se ainda jovem para Portugal, para estudar agronomia e silvicultura. Acabou alterando a sua carreira para o jornalismo, passando a colaborar para vários jornais, entre eles o *Público*. Sua obra foi traduzida para mais de 25 idiomas, e em 2016 foi um dos finalistas do Prêmio Man Booker, pelo romance *Teoria geral do esquecimento*.

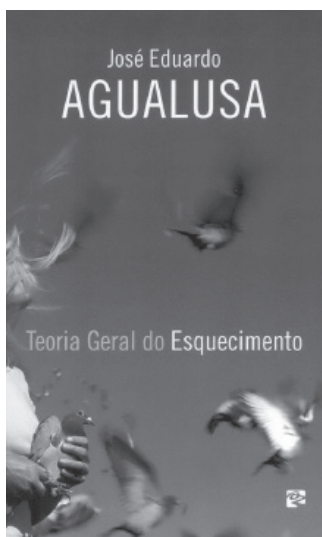
É autor de romances, contos, novelas, livros infantis e peças de teatro. Sua estreia ocorreu, em 1988, com *A conjura*, romance que lhe valeu o Prêmio Sonangol Revelação de Literatura de Angola. Seus livros percorrem muitas realidades, mas estão mais centrados em personagens do que em lugares. Alguns deles são baseados em figuras reais como a poetisa Lídia do Carmo Ferreira (*Estação das chuvas*) e a rainha Ana de Sousa (*A rainha Ginga*).

Também publicou *Nação crioula*, vencedor do Grande Prêmio de Literatura RTP, *Fronteiras perdidas e Barroco tropical*. Em 2017, venceu o Dublin Literary, e, com o prêmio em dinheiro recebido, pretende instalar uma biblioteca pessoal na Ilha de Moçambique, aberta aos habitantes do local.

José Eduardo Agualusa acredita que os livros são um território de pensamento e a literatura é um exercício permanente de colocar-se na pele do outro.

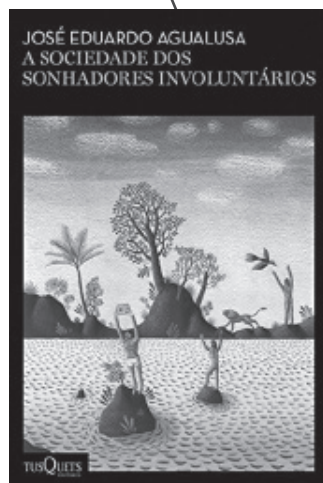
DESTAQUES

Memória e identidade são duas forças muito presentes na obra de José Eduardo Agualusa. Um de seus romances mais conhecidos, *O vendedor de passados*, ganhou o Prêmio Independente de Ficção Estrangeira do jornal *The Independent*. O livro representa bem a questão identitária, trazendo à tona a discussão sobre o doloroso processo de descolonização e a forma como as identidades são construídas. Nesse sentido, este e outros livros do autor angolano promovem importantes debates sobre o sujeito contemporâneo.



Os seus livros percorrem várias realidades, quase sempre inseridas no mundo lusófono. Em *Teoria geral do esquecimento*, conta a história de Ludovica, ou Ludo, que ergue uma parede separando seu apartamento do resto do edifício onde vive e, dessa forma, conduz o leitor por uma narrativa em que o sentido de humor serve como antídoto à trágica história angolana.

Dividindo-se entre Angola, Portugal e Brasil, Agualusa possui influências culturais diversas: a letra de uma música, a cena de um filme, o trecho de um livro ou um simples cenário podem ser fundamentais para a sua escrita, que é marcada por construção e ritmo próprios. Seu livro mais recente é *A sociedade dos sonhadores involuntários*, inspirado no caso de perseguição política que ficou conhecido como 15+2, ocorrido em Angola em 2015.



Em junho de 2017, Agualusa conversou com o jornal Público, de Portugal. Para ele, esse romance se impôs como um “bicho aflito” e partiu da prisão de jovens revolucionários em Angola. “Qualquer livro resulta de uma necessidade interna, de alguma coisa que nos força a escrever, que nos leva a escrever. Nesse sentido, sim, tudo aquilo me incomodou muito, todo o processo e a prisão deles me incomodou. Escrever é uma tentativa de conhecer, de conseguir explicar alguma coisa que nos incomoda.”

<https://is.gd/Agualusa1>

<https://www.publico.pt/2017/06/21/culturaipilon/entrevista/continuo-a-acreditar-que-o-sonho-e-revolucionario-1775838>

“Para elaborar um romance, é necessário algum planejamento, e tomo muitas notas à mão ao viajar. Ainda assim, quando começo a escrever, no laptop ou no computador, não sei qual será o fim do enredo. Ao longo do livro, sou conduzido pelos personagens. Sou surpreendido da mesma maneira que o leitor. Escrevo porque quero saber o final das histórias.”
(*Época*, setembro de 2004)

Entrevista para o programa *Roda Viva*, da TV Cultura, transmitida em julho de 2011. Ele falou sobre a vida itinerante de escritor, os livros publicados e os projetos para o cinema e a televisão. “O que me interessa mais numa sociedade como a angolana é a possibilidade de que esses livros sejam capazes de provocar debate, de perturbar, de incomodar, de aborrecer algumas pessoas.”

<https://is.gd/Agualusa2>

<https://www.youtube.com/watch?v=VXrQFxfhu15w>



PARA **DEBATER E** **CONHECER O MUNDO**

Há mais de uma década, a trajetória do *Fronteiras do Pensamento* privilegia as ideias, valoriza o conhecimento e fornece algumas das principais chaves para a compreensão do mundo e das suas complexidades.

A cada temporada, um time de pensadores e profissionais reconhecidos apresenta suas próprias inquietações e provocações para que, a partir de um conjunto múltiplo e diverso, possamos traçar novas discussões, fomentar novas buscas, iluminar dúvidas e certezas e descobrir novos caminhos.

O projeto, após suas mais de duas centenas de conferências internacionais e nacionais realizadas, mantém vivo o seu convite ao diálogo. Especialmente no período atual, em que encontrar consensos ao mesmo tempo em que se valoriza particularidades é um dos grandes desafios.

Braskem apresenta

WWW.FRONTEIRAS.COM



fronteirasweb



fronteirasBA



fronteiraspoa



FRONTEIRAS
BRASKEM
DO PENSAMENTO

Realização



Apoio



MEMBRO DA REDE
ILUMINO

Patrocínio



Estado da Bahia